

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

CIOS DA TERRA: SABERES DA EXPERIÊNCIA E SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO¹

Lia Tiriba²
Bruna Sichi³

Resumo: Tendo em conta as dimensões histórico-ontológicas do trabalho, nosso propósito é refletir sobre as relações entre seres humanos e natureza. Simulamos um 'passeio no campo' para evidenciar que, apesar de bucólica, a vida no campo requer muitos trabalhos, entre eles, aqueles que, sob a égide do capital, modificam as relações sociais no âmbito da comunidade, aviltando o direito de se viver plenamente a infância e a juventude. A partir da experiência dos trabalhadores e trabalhadoras do assentamento Che Guevara, indicamos que, sob os limites das mediações de segunda ordem, impostas pelo sistema capital, a unidade de produção associada pode ser entendida como unidade de produção associada de saberes, na qual vão brotando novas práticas sociais.

Palavras-chave: Trabalho e educação. Relações entre seres humanos e natureza. Saberes do trabalho associado.

Abstract: Taking into consideration the historic-ontological dimensions of work, our purpose is to reflect upon the relations between humans and nature. We have

¹ Originalmente publicado em TORRES, Artemis; SEMERARO, Giovanni. *Sobre Saberes, educação e democracia*, Cuiabá, EdUFMT, 2011, p.11-32

² Doutora em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidade Complutense de Madrid, com estudos de pós-doutoramento em Formação e Educação de Adultos na Universidade de Lisboa. Professora associada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Membro do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE).

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Assistente de pesquisa na Coordenação de Desenvolvimento Rural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Membro do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE).

Trabalho*necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

simulated a 'countryside trip' to highlight that, although bucolic, country life requires many chores, among them, those that, under the aegis of the capital, modify the social relations within the community, debasing the right to wholly live childhood and youth. From the experiences of workers from the Che Guevara settlement, we have pointed out that, under the limits of the second order mediations, imposed by the capital system, the associated production units can be understood as knowledge associated production units, in which new social practices sprout.

Keywords: Work and education. Relations between humans and nature. Knowledge of associated work

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Introdução

Debulhar o trigo / Recolher cada bago do trigo/Forjar do trigo o milagre do pão/E se fartar de pão/ Decepar a cana/ recolher a garapa da cana/roubar na cana a doçura do mel/Se lambuzar de mel/ Afagar a terra/ Conhecer os desejos da terra/Cio da terra, a propícia estação/ E fecundar o chão⁴

Milton Nascimento e Chico Buarque

A música *O cio da terra* carrega uma poesia deveras inspiradora, permitindo-nos refletir sobre o trabalho como elemento que medeia as relações entre os seres humanos e natureza, como atividade criadora e recriadora da vida social e, portanto, constitutiva da formação humana. Essa e outras canções nos falam de processos de produção da existência, ou seja, processos de constituição de uma realidade humano-social atravessada por relações de produção que são hegemônicas nos espaços/tempos históricos.

Apesar de bucólica, a vida no campo exige muito trabalho. Tratando-se do campo ou na cidade, onde 84% da população brasileira vive apinhada, importante nos debruçar sobre a cotidianidade do trabalho, considerando-a como expressão da totalidade social onde se plasma o sistema capital. Para isso, por que não recuperar, por exemplo, trechos de *Meu guri?*⁵ Nessa composição, Chico Buarque exercita a capacidade de nos colocar no lugar do “outro”, encarnando uma criança trabalhadora que, muito antes de a mãe acordar, sai de casa para fazer da rua o seu local de

⁴ Música *O cio da terra*, disponível no CD *A Arte* de Milton Nascimento.

⁵ Chico Buarque, disponível no CD *Almanaque*, 1981.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

trabalho. Também é inspiradora a canção *Um homem também chora* (Guerreiro Menino⁶), na qual Gonzaguinha nos ajuda a perceber as consequências da crise estrutural do trabalho assalariado na maneira de o trabalhador ser e sentir o mundo. E por que não fazer reverência à beleza de *Canção do sal*,⁷ de Milton Nascimento, e a tantas músicas que denunciam as péssimas condições em que trabalham (e vivem) milhões e milhões de trabalhadores/as? Não são poucas as canções que nos falam dos mundos do trabalho.

Inspiradas em *O cio da terra*, nosso propósito é refletir sobre as relações entre os seres humanos e a natureza, indicando que as experiências de trabalho associado podem se constituir como palco de produção de saberes e práticas sociais que, de alguma maneira, se contraponham à lógica do sistema capital. Para isso, estruturamos o texto em quatro partes. Na primeira, simulamos um passeio pelo campo, fazendo um “zoom fotográfico” das situações de trabalho que poderíamos encontrar no percurso. Recuperamos a categoria trabalho em Marx, ressaltando suas dimensões histórico-ontológicas. Afirmamos que, embora os seres humanos constituam-se como parte integrante da natureza, sem a terra e outros elementos da mãe-natureza, não há como a força de trabalho humano se realizar. Por isso, o que deve ser motivo de estranhamento, não é a unidade, mas a dicotomia seres humanos/ natureza produzida ao longo da história da humanidade e cujo apogeu se verifica na sociedade capitalista. Na segunda parte, insistimos que, sob a égide do sistema capital, a vida no campo exige muitos trabalhos, inclusive os mais desumanos, entre eles o do agronegócio, que retira das crianças, jovens e adultos as

⁶Gonzaguinha, disponível no CD *Alô, alô Brasil*, 1983.

⁷ Disponível no CD *Perfil*, 2006.

Trabalho*necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

energias criativas que propiciam uma relação mais harmoniosa com outros seres humanos e com natureza. Sinalizamos que, no capitalismo, 'roubar da cana a doçura do mel' pressupõe não apenas mediações de primeira ordem, mas principalmente, de segunda ordem. Na terceira parte, finalmente nos aproximamos de um pequeno pedaço de terra situado em Campos dos Goytacazes (Estado do Rio de Janeiro), o qual se tornou nosso campo de trabalho/pesquisa sobre saberes da experiência e produção da vida social. Trata-se do assentamento Che Guevara, onde trabalhadores e trabalhadoras de uma unidade de produção associada ensinam sobre a importância da criação de novas relações entre seres humanos e natureza. Para refletir sobre as contradições entre capital e trabalho, elegemos Dona Catarina como nossa principal interlocutora. Na última parte, a guisa de conclusão, ressaltamos as dimensões educativas do trabalho associado, indicando limites e desafios dos processos de ruptura com o sistema capital.

1 “Forjar do trigo o milagre do pão”: dimensões histórico-ontológicas do trabalho.

Quando nos referimos a “trabalho no campo”, do que estamos falando? Caminhando a pé, ao galope de um cavalo ou em uma motocicleta “último tipo”, muitos trabalhos, das mais diversas naturezas aparecem à nossa frente. Nossos olhos deparam-se com cortadores de cana, colhedores de couve-flor e outras leguminosas. Os jovens ajudam os pais na plantação de inhame, aipim e batata baroa. Rapazes carregam galhos e troncos de árvores para abastecer o fogão à lenha. A filha mais velha ganha um salário mínimo para trabalhar em uma loja de confecção de roupas íntimas e não tem mais tempo para almoçar em casa. O ônibus

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

passa apenas três vezes por dia, mas quando chove muitos dias seguidos, o motorista prefere não arriscar... Alguns moradores se revezam no árduo trabalho de conservação da estradinha de terra.

Depois de caminhar 2 km a pé, a mãe chega a casa com os sapatos cheios de lama; assim como outras mulheres do lugarejo, também arrumou um serviço na cidade para completar a renda da família. As crianças da redondeza esperam o dia em que completarão seis anos de idade para frequentar a escolinha que fica do lado de lá da igreja (o único lugar do lugarejo calçado com paralelepípedo).

Depois de fazer o “dever de casa”, as meninas mais velhas retiram alguma coisa da horta para preparar o almoço. É preciso levar a marmitta para saciar a fome de quem, bem cedinho, foi trabalhar na roça. O arroz, a cebola e o óleo de cozinha foram comprados na venda que fica no meio da estrada. Esse ano deu pouco milho para fazer o fubá. As sobras do almoço vão para a lavagem dos porcos; as cascas de frutas vão para as galinhas ou voltam para adubar a horta. Vai para o lixo aquilo que não é fundamental para a reprodução da unidade doméstica e, em geral, tudo aquilo que a “natureza” não quer de volta, como, por exemplo, embalagens de plástico, lata e vidro. (Os trabalhadores da Prefeitura não têm ideia do que contêm nos sacos plásticos amontoados no caminhão de lixo que passa todas as quartas-feiras naquele lugarejo. Depois de triturados, para onde vão os restos do trabalho humano?)

À noitinha, a família se reúne para jantar. Enquanto isso, a televisão anuncia “o mundo lá fora”. Como nos referimos em um estudo sobre cultura econômica (TIRIBA, 2001), quando a energia elétrica chega aos lugares distantes da cidade, chegam também os “robertos marinho” e os “silvios santos” pregando valores e

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

padrões de comportamento que asseguram no vilarejo a hegemonia do sistema capital.

Ao invadir nossas casas, a televisão modifica as relações familiares e de vizinhança, bem como as relações sociais mais amplas, no âmbito da comunidade. O fetiche da mercadoria toma conta da economia doméstica. Acompanhando o avanço tecnológico, as bonecas de pano vão se transformando em *Barbies* que sabem dançar e falar ao telefone celular. O fogão a lenha toma, agora, a aparência de um forno de micro-ondas (qualquer dia desses, movido à energia nuclear). No curral da vaca leiteira ficou abandonado o antigo (e belíssimo) ferro a carvão, com o qual o traje de domingo era passado e engomado com uma papa morna, feita com água e farinha de trigo. Como avaliou Aldo, um pequeno agricultor de Benfica, lugarejo situado no município de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, a questão é que “[...] vocês gostam das coisas do campo; a gente gosta das coisas da cidade”.⁸

Como vivem as pessoas no campo? Hoje, que trabalhos são necessários para garantir a reprodução ampliada da vida? Como diria Marx (1980, p. 208), “[...] o gosto do pão não revela quem plantou o trigo e o processo examinado nada nos diz sobre as condições em que ele se realiza, se sob o látego do feitor de escravos ou sob o olhar ansioso da capitalista.” O preparo do pão, por exemplo, requer a utilização de determinados instrumentos e técnicas de trabalho, bem como, o estabelecimento de normas de convivência entre os trabalhadores. Se o alimento é considerado sagrado ou se o objetivo da sua produção é apenas saciar a fome; se não existe a

⁸ Terminado este artigo, lemos e discutimos alguns de seus trechos com a família de Aldo, com quem convivemos há oito anos. Em seguida perguntamos que lacunas existiam no texto Aldo exclamou: “*Falta você, ué! Falta você se incluir.*” Sua sabedoria nos instiga a refletir que, como vizinhos (e pesquisadores), não é neutra a nossa inserção no campo (Essa questão extrapola os limites deste texto).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

propriedade individual dos meios de produção e o produto não se separa do produtor. Essas diferentes circunstâncias configuram, cada uma, culturas do trabalho cujas características diferem, em maior ou menor grau, do modo como o trabalho vai se configurando na produção capitalista.

Sabemos que os grupos humanos trabalham de acordo com determinada cultura e que, ao trabalhar, produzem cultura. Nesse sentido, a análise da cultura do trabalho requer o entendimento das relações de produção em que se dão diversas atividades de reprodução da vida social; e pressupõe a identificação dos elementos materiais (instrumentos, métodos, técnicas etc.) e simbólicos (atitudes, ideias, crenças, hábitos, representações, costumes) partilhados pelos grupos humanos - considerados em suas especificidades de classe, gênero, etnia, religiosidade e geração (TIRIBA; SICHI, 2011).

Parece-nos oportuno recorrer a Marx (1980, p. 202) para dizer que, no seu sentido genérico, em todas as formações sociais, “[...] o trabalho é um processo em que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com a sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Ao defrontar-se “[...] com a natureza como uma de suas forças [os seres humanos] põem em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana.” Homens e mulheres não modificam apenas a natureza que lhes é externa; modificam também “sua própria natureza”.

No capítulo 1 de *O Capital*, dedicado à mercadoria, Marx (1980, p. 50) assinala que o trabalho não pode ser considerado a única fonte de produção de riquezas, pois,

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Extraindo-se a totalidade dos diferentes trabalhos úteis incorporados ao casaco, ao linho, etc, resta sempre um substrato material, que a natureza, sem interferência do homem, oferece. O homem, ao produzir, só pode atuar como a própria natureza, isto é mudando as formas da matéria. E mais. Nesse trabalho de transformação, é constantemente ajudado pelas forças naturais. [...] Como diz William Petty, o trabalho é o pai, mas a mãe é a terra.

Entendida como o conjunto de faculdades físicas, intelectuais e emocionais existentes no corpo humano, que, posto em movimento, pode produzir valores de uso de qualquer espécie, a força de trabalho humana é parte integrante da natureza. Mas, sem a terra, a força de trabalho não tem como se materializar. “As condições originais de produção não podem, inicialmente, ser elas próprias produzidas [ou seja,] não são o resultado da produção.” (MARX, 1991, p. 82).

Nesse sentido, mediada pelo trabalho, “[...] toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade” (MARX, 1978, p.106), o que significa dizer que, ao longo da história da humanidade, de acordo com o modo de produção da existência, as relações entre seres humanos e natureza podem se materializar com diferentes perspectivas político-econômicas. Sendo a terra, em si, uma fonte fundamental de riqueza, a grande questão é a forma como os grupos e classes sociais dela se apropriam. O que produzir? Como produzir? Para que produzir? Para quem produzir? Essas são algumas perguntas-chave da economia política que nos indicam o caráter das relações sociais de produções e os sentidos do trabalho. Como é possível pensar em uma natureza humana abstrata, descolada das condições objetivas e subjetivas em que se dá o processo do tornar-se humano?

Sobre a forma de propriedade da terra é possível afirmar que, originalmente, significa apenas “a atitude do homem ao encarar suas condições naturais de produção como lhe pertencendo, como *pré-requisito de sua própria existência*; sua

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

atitude em relação a elas como *pré-requisitos naturais* de si mesmo, que constituíram, assim, prolongamentos de seu próprio corpo” (MARX, 1991, p. 85). Mas, ao analisar o trabalho na sua particularidade histórica, tendo em conta as “mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço” (Ciavatta, 2007), vamos compreender que as relações entre seres humanos e natureza podem ganhar contornos diversos. Em *Formações econômicas pré-capitalistas*, Marx analisa que a forma de propriedade da terra é um elemento que, em última instância determina as relações da comunidade com as condições naturais; a origem da escravidão e da servidão se dá “quando o próprio homem é capturado como um acessório orgânico da terra e junto com ela, sua captura dá-se na qualidade de uma das condições de produção” (Ibid.). Nesse sentido,

O que exige explicação não é a ‘unidade’ de seres humanos vivos e ativos com as condições naturais e inorgânicas de seu metabolismo com a natureza; nem isto é o resultado de um processo histórico. O que tem que ser explicado é a ‘separação’ entre estas condições inorgânicas da existência humana e a existência ativa, uma separação somente completada, plenamente, na relação entre o trabalho assalariado e o capital (MARX, 1991, p.87).

No livro *Ecologia e socialismo*, Michael Lowy (2005) analisa que, na verdade, as questões ecológicas não ocupam papel central nas obras de Marx e Engels e que as menções às relações entre sociedades humanas e natureza são suscetíveis a diferentes interpretações. No entanto, embora encontremos referências ao ‘controle’, à ‘supremacia’ ou mesmo à ‘dominação’ dos seres humanos sobre a natureza, esses termos dizem respeito, simplesmente ao conhecimento das leis da natureza. Acredita que, apesar das contradições presentes nos textos dos fundadores do materialismo histórico, é a crítica ao capitalismo “o fundamento indispensável de uma perspectiva

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

ecológica radical” (LOWY, 2005, p. 20). Considera que o ecossocialismo implica na ruptura com o sistema capital e que “o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e uma novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização” (Ibid., p.40).

2. “Roubar da cana a doçura do mel”: mediações de primeira e segunda ordens.

Apesar da produção destrutiva do capital (MÉSZAROS, 1996), em pleno século XXI, as comunidades campesinas (e entre elas, as indígenas), desenvolvem a capacidade de preservar suas identidades, insistindo em formas de produzir e consumir que se contrapõem a perversa lógica do mercado capitalista, no qual a força de trabalho também se configura como uma mercadoria. Abel Palácios, um integrante da comunidade indígena de Tinkunaku, situada em Salta, na Argentina, explica o que existe em comum entre uma cooperativa e uma *minga*:

“Cuando un hermano de la comunidad necesita hacer un trabajo en su casa o con su producción, todos los demás los van ayudar; (...) Se forma una minga para arreglar caminos, hacer un puente para que en el verano la maestra pueda llegar a la escuelita (...) Lo mismo ocurre para arrear el ganado, para hacer la trashumancia hacia el cerro o hacia el monte se reúnen dos o tres familias con su ganado y bajan juntos, como una manera de protegerse de las inclemencias del tiempo” (GIARRACCA; MASSUH, 2008, p. 145-6).

Em outras palavras, tudo o que diz respeito à vida da comunidade requer o trabalho associado, ou seja, o envolvimento do conjunto das forças individuais de trabalho. Afinal, “apenas na coletividade (de uns e de outros) é que cada indivíduo encontra os meios de desenvolver suas capacidades em todos os sentidos; somente

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

na coletividade, portanto, torna-se possível a liberdade pessoal” (MARX, 1987, p 117).

Para além de romantizar as relações entre seres humanos e natureza, vale lembrar que a vida no campo exige muitos trabalhos, entre eles o trabalho que avilta o direito de viver plenamente a infância e a juventude. Em um estudo sobre a persistência do trabalho infantil na indústria e na agricultura, Aued e Vendramini (2009) registram que, segundo dados da PNAD/IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2008), as fazendas, sítios, granjas são os estabelecimentos que mais empregam trabalho infantil no Brasil (36,5% dos 4,8 milhões de crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos que estão trabalhando no Brasil). Destacam que, apesar da tendência de diminuição da exploração infantil nesses estabelecimentos, cresce o trabalho infantil em domicílio (de 5,4% em 1997, subiu para 8% em 2007). Por que isso acontece? A pesquisa realizada no Estado de Santa Catarina revela que desde muito pequenas, as crianças passam a receber tarefas como capinar, cuidar da horta, “ e, ao poucos o seu trabalho passa a ser incorporado no sistema produtivo de toda a família” (Ibid., p. 83.). Questionando o argumento do princípio educativo do trabalho (infantil) e considerando que as crianças são inseridas no mundo do trabalho antes de terem alcançado a sua maturidade física, cognitiva e psicológica, as autoras se perguntam: “quantos cérebros inventivos irão sair das fumacentas carvoeiras, das fileiras intermináveis de cebola, maçã, fumo ou tomate? Do corte de cana de açúcar? Que educação e sociedade devem ser criadas para que no futuro não tenhamos crianças exploradas no trabalho?” (Ibid., p.20). Analisam o consentimento dos pais em relação ao trabalho precoce de seus filhos como um consentimento historicamente determinado. Afinal, “os pais não escolhem a

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

sociedade que requerem ou de que gostariam viver”. Mais que produtos da natureza, eles “se fazem à revelia da natureza. São, portanto, produtos sociais” (Ibid., p. 116).

E quanto aos jovens? Além de contribuir para que a pequena produção familiar garanta boa parte dos itens alimentícios, que outros trabalham realizam no campo? Não podemos esquecer que o processo de modernização conservadora da agricultura, iniciada na década de 1960 e tendo o seu ápice na década de 1970, repercutiram na transferência de grandes contingentes populacionais do campo para as médias e grandes cidades. Na década de 1990, a falta de condições mínimas para a manutenção da terra para a produção familiar e para a troca de excedentes acarretou o êxodo rural. Mesmo permanecendo no campo, as famílias já não retiram da terra o necessário para a preservação da vida. O isso se verifica?

Para complementar a renda familiar, as mulheres vão trabalhar na cidade mais próxima, quer como empregadas de uma indústria ou pequeno comércio, que como empregadas domésticas. Além de ajudar no trabalho da roça, os meninos procuram algum curso que os possibilite ‘tirar o pé da lama’. Para ‘bater ponto’ no supermercado ou em uma confecção de roupas íntimas e, mesmo, para frequentar algum cursinho rápido de formação profissional, muitos jovens viajam apinhados no ônibus que às seis horas da manhã sai do lugarejo em direção à cidade mais próxima. Privada do acesso aos recursos da biodiversidade, “uma grande parcela da população brasileira, que sobrevivia ‘subsidiada pela natureza’, hoje vive em áridos conjuntos habitacionais, alijada de seus quintais” (NOGUEIRA; WOLF, 2001, p. 33) ou deles passam a depender para trabalhar como serviços: porteiros, jardineiros, faxineiros...

Com o agronegócio, que envolve cadeias produtivas agrícolas e/ou pecuárias, os jovens que insistem em permanecer no campo começam a conviver com outros

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

jovens, oriundos de diversas regiões do Brasil. De acordo com a reportagem *Heróis anônimos* (CONDÉ; NOVAES, 2007), da agroindústria canavieira paulista, participam jovens migrantes, geralmente nordestinos, que estão em busca de algum dinheiro para complementação da renda familiar. Há 30 anos, um trabalhador era capaz de cortar 4 a 6 toneladas de cana por dia. Hoje, com as novas tecnologias de produção e gestão da força de trabalho, a produtividade varia de 12 a 15 toneladas/dia. O facão (com pequenas modificações no cabo e na lâmina) continua a ser o principal instrumento de trabalho. Nesta atividade extremamente precária, além de a força física ser valorizada como fator de produtividade e, ao mesmo tempo, ser sinônimo de masculinidade, “é interessante notar a combinação entre o corpo magro e musculoso apropriado para o corte de cana e certas marcas identitárias próprias da juventude atual: tatuagens, *piercings*, pequenos brincos e colares” (CONDÉ; NOVAES, 2007, p. 65). Frente ao desemprego e a pobreza, esses jovens são obrigados a vender sua força de trabalho, contribuindo para tornar o etanol brasileiro ‘mais competitivo’ no mercado mundial. Previa-se que até 2010, seriam implantadas 90 novas usinas no Brasil, incorporando uma área plantada de cana de 2,7 milhões de hectares aos 6 milhões de hectares já ocupados pela lavoura no País (Ibid., p. 58).

Fundamentado no materialismo histórico, o filósofo húngaro István Mészáros nos auxilia a entender que as relações entre seres humanos e natureza são históricas. A seguir, o longo trecho ajuda-nos a compreender que, diferentemente da mediação de segunda ordem, as medições de primeira ordem referem-se a estes aspectos:

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

A regulamentação necessária, mais ou menos espontânea, da atividade biológica reprodutiva e do tamanho da população sustentável, conjuntamente com os recursos disponíveis; A regulamentação do processo de trabalho, através do qual o intercâmbio necessário de uma comunidade específica com a natureza possa produzir os bens necessários para a satisfação humana, assim como os instrumentos de trabalho apropriados, empreendimentos produtivos, e conhecimento, por meio dos quais o próprio processo produtivo possa ser mantido e melhorado; O estabelecimento de relações de troca, nas quais as necessidades, historicamente variáveis, dos seres humanos possam ser relacionadas, no propósito de otimizar os recursos naturais e produtivos disponíveis, inclusive os culturalmente produtivos; A organização, coordenação e controle da multiplicidade de atividades, através das quais os requisitos materiais e culturais para um processo de reprodução social metabólica bem sucedido de comunidades cada vez mais complexas possa ser assegurado e garantido; A alocação racional de recursos humanos e materiais disponíveis, combatendo a tirania da escassez, através da utilização econômica [no sentido de economizar, poupar] das formas e meios de reprodução de dada uma sociedade, o mais próximo possível, com base no nível alcançado de produtividade e dentro dos limites das estruturas sócio-econômicas estabelecidas; e A promulgação e administração de regras e regulamentos de uma dada sociedade como um todo, em conjunto com as outras funções e determinações de mediação e primeira ordem”. Como é possível observar, nenhum destes imperativos de mediação de primeira ordem, por si mesmo, exigem o estabelecimento de hierarquias estruturais de dominação e subordinação para a reprodução social. “As determinações opressivas dos modos hierárquicos de controle reprodutivo emanam de outras raízes, no curso da história. [...] Assim, através das mediações de segunda ordem do capital, cada uma das formas primárias é alterada, impossibilitando qualquer reconhecimento, para atender às atividades expansionárias de um sistema fetichista e alienante do controle social metabólico, que deve subordinar absolutamente tudo ao imperativo de acumulação do capital (MÉSZÁROS, 1995 *apud* FRIGOTTO, 1997, p. 4).

3. “Afagar a terra, conhecer os desejos da terra”: o trabalho de produzir a vida associativamente.

Ao distinguir a agricultura campezina e o agronegócio como sistemas diferentes, Bernardo Fernandes, assessor do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) lembra que o segundo é “composto por um conjunto de sistemas; o sistema agrícola, o sistema industrial, o sistema financeiro, o sistema mercantil e o sistema tecnológico” (FERNANDES, 2008, p. 72). É o que se chama “deserto verde”, pois estando concebido para a produção, ninguém pode viver lá. Entre as

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

características do agronegócio destacam-se as “a produção em grande escala para a exportação, o trabalho assalariado, o alto grau de utilização de tecnologias, a mecanização intensiva, a transgenia, o uso de agrotóxicos, o alto grau de destruição do meio ambiente... Ao contrário da lógica destrutiva do capital, para os trabalhadores que vivem *no* e *do* campo, o território é um “lugar de vida e produção”; pressupõe “a distribuição da terra (ao contrário da concentração da terra), a produção de alimentos de qualidade sem o uso de agrotóxicos, o auto-abastecimento, o desenvolvimento local, regional e nacional (oposto à agro-exportação)” (Ibid., p. 73).

A sabedoria de (re)conhecer os desejos da terra podem (re)nascem nas experiências de produção associada⁹. No assentamento Che Guevara, os trabalhadores e trabalhadoras e, em especial Dona Catarina, têm algo a dizer. Tal assentamento se localiza no município de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. As terras que o compõem pertenciam à Usina Santo Amaro, situada no bairro de Marrecas, cerca de 60 quilômetros do centro urbano. Como sabemos, a prática comum nas usinas de cana-de-açúcar dessa região é a da monocultura no plantio e de queimadas para preparo do solo nas entressafras (o que acarreta, inclusive, na morte de trabalhadores carbonizados). Em 1998, com a falência da usina, 138 famílias ocuparam as referidas terras. Quem eram os trabalhadores? De onde vinham? O grupo era composto de quatro tipos de trabalhadores: trabalhadores desempregados da usina em questão; trabalhadores das zonas rurais e urbanas de Campos dos Goytacazes; trabalhadores rurais de diferentes regiões do Rio de

⁹ Na perspectiva do materialismo histórico, a categoria *produção associada* pode ser entendida como a) trabalho associativo ou processo em que os trabalhadores se associam na produção de bens e serviços; e b) a unidade básica da “sociedade dos produtores livres associados”. Como sinônimo, encontramos em Marx os termos trabalho associado e associação cooperativa. Ver Bottomore (1993).

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Janeiro; trabalhadores urbanos oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, o grupo de trabalhadores era oriundo de diversos 'mundos do trabalho'.¹⁰

Movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e CPT (Comissão Pastoral da Terra) tiveram uma importante participação, principalmente durante os quatro anos de ocupação do Che Guevara, quando diversos cursos de formação política e de trato com a terra foram oferecidos aos trabalhadores e trabalhadoras. Com o assentamento dos lotes, precisavam aprender a cuidar da terra, viver dela e preservá-la para o seu próprio sustento. Também precisavam aprender a lidar com as novas condições de trabalho: não eram mais trabalhadores a mercê do desemprego ou de um patrão qualquer; tampouco teriam que passar pela mendicância e outras desventuras pelas quais passam as camadas mais pobres da classe trabalhadora.

Quem caminha pelo assentamento Che Guevara depara-se com a pobreza, com as dificuldades de realização plena dos sonhos dos trabalhadores associados. Apesar da verba disponibilizada pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) para a construção de moradias, as casas estão inacabadas; falta terminar o telhado das instalações da unidade de produção, as paredes estão se esfarelando e existem grandes ninhos de marimbondos que causam susto e estranhamento aos visitantes. (Rapidamente os visitantes são alertados que, para ninguém ser picado, basta não mexer com bichinhos). Outro flagrante das precárias condições de vida e trabalho repousa no fato de ser Davi o único trabalhador associado que possui um meio de transporte; com muito custo adquiriu um fusquinha velho, movido a gás de botijão.

¹⁰ Como o historiador marxista Eric J. Hobsbawm (2005), preferimos utilizar o termo *mundos do trabalho* (no plural), o qual, ao invés de sugerir uma fragmentação de mundos ou submundos, exprime as diferentes experiências vividas e engendradas pelos trabalhadores, considerando o Trabalho em sua totalidade, tanto atividades produtivas materiais como de criação cultural.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Em contrapartida, a tecnologia de utilização de botijão de gás para movimentar o automóvel levou os trabalhadores a elaborar um projeto de reaproveitamento do álcool que sobra da produção de derivados da cana, visando a geração de combustível para o assentamento.

Além de constar a precariedade, impossível deixar notar que as novas relações que os trabalhadores estabelecem com a natureza vão ganhando força e consistência nos planos e projetos da unidade de produção associada. Como dissemos, nem todos os trabalhadores/as do Che Guevara são originários do campo. Mesmo os que vieram da cidade, aprenderam a conviver com o peçonhento inseto que lhes rodeia a cabeça no interior da produção associada. Aprenderam que viver em terras onde se planta cana de açúcar requer o desafio de lidar com os diversos seres vivos atraídos pela ‘doçura do mel’. Não por um acaso, o respeito à terra e aos seres que nela vivem estão anunciados princípios do MST, em um quadro afixado na porta do ‘puxadinho’ que abriga o forno para a produção da cachaça e açúcar mascavo:

1. Amar e preservar a terra e os seres da natureza.
2. Aperfeiçoar sempre nossos conhecimentos sobre a natureza e a agricultura.
3. Produzir alimentos para eliminar a fome da Humanidade. Evitar a monocultura e o uso de agrotóxicos.
4. Preservar a mata existente e reflorestar novas áreas.
5. Cuidar das nascentes, rios, açudes e lagos. Lutar contra a privatização da água.
6. Embelezar os assentamentos e comunidade, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças e árvores.

Trabalho necessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

7. Tratar adequadamente o lixo e combater qualquer prática de contaminação e agressão ao meio ambiente.
8. Praticar a solidariedade e revoltar-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração contra a pessoa, a comunidade e a natureza.
9. Lutar contra o latifúndio para que todos possam ter terra, pão, estudo e liberdade.
10. Jamais vender a terra conquistada. A terra é um bem supremo para as gerações futuras.

Com muito orgulho, Dona Catarina explica os ensinamentos contidos na carta de princípios do MST. Mas, quem foi que lhe ensinou a deixar seu lote tão florido? Essa pergunta a remete aos seus sonhos de infância: plantar um quintal inteiro com árvores frutíferas e muitas flores, atraindo assim uma diversidade de pássaros para o seu jardim. Para contar sua história de vida, utiliza termos técnicos da agroecologia, como por exemplo, produção familiar ecológica, produção sustentável, organização de agrovilas (termos esses apreendidos com a CPT e o MST). Para ela, a natureza se revela como um ambiente necessário à sua sobrevivência imediata, no entanto não é esse seu único significado. Enfeita seu lote com caminhos de flores e árvores frutíferas; não aceita o uso de agrotóxicos nos produtos da unidade de produção associada. Seu maior estímulo para lutar pelo assentamento é “plantar e trabalhar a terra com criatividade”. Agora, seus sonhos de menina tomam forma, materializam-se em diversos espaços da produção associada; por isso não teve dificuldades de convencer as companheiras e companheiros de trabalho que plantar sem a utilização de agrotóxicos nada mais era do que uma prática social coerente com um projeto societário com o qual, querendo ou não, era necessário comprometer-se para, pelo

TrabalhoNecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

menos, garantir a existência daquelas pessoas que, 1998, haviam ocupado as terras da Usina Santo Amaro, no município de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro.

A conclusão dos cursos de medicina alternativa, oferecidos pela CPT, deu à Dona Catarina mais segurança para utilizar seus saberes em relação à natureza. Todavia, esses cursos não se restringiram a uma mera certificação de conhecimentos, mas foram espaços de sistematização de métodos e técnicas que eram utilizados e revisitados em seu trabalho, não apenas no seu próprio lote, mas também na unidade de produção associada. Para ela, representa a realização de um velho sonho. Não podemos dizer que Dona Catarina é uma militante orgânica dos movimentos sociais, no entanto encontrou nesses cursos respostas às suas angústias sobre a utilização de agrotóxicos no cultivo da terra. Quando questionada sobre a origem de seu interesse pela homeopatia,¹¹ responde:

Sabe, quando eu era bem pequena vivia doente, não me lembro o que era. [...] Que pena que não mora mais aqui perto aquela senhora que dava as gotinhas. Passei anos de minha vida querendo saber o que eram as gotinhas que me curavam sem precisar ir ao médico. Aí a CPT ofereceu o curso de homeopatia e hoje acho que as gotinhas deviam ser homeopatia também.

É interessante notar que a luta em defesa da agroecologia mobiliza Dona Catarina desde a infância. Mas, se por um lado ela conseguiu que a unidade de

¹¹ O aumento dos preços dos remédios convencionais (alopatia) torna o consumo inacessível para 60% da população; assim “recorrer à medicina popular passa a ser muitas vezes a única opção de tratamento de doenças cotidianas”. (...) Além dos fatores econômicos, a utilização de plantas medicinais constitui muitas vezes uma opção mais saudável, se se pensar nos inúmeros efeitos colaterais dos ‘produtos de farmácia’, além de resgatar e preservar o saber tradicional: (NOGUEIRA; WOLFF, 2001, p. 26).

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

produção assumisse um comprometimento com a agricultura orgânica, de outro, o mesmo não aconteceu nos demais lotes das famílias do assentamento. Na verdade, poucos são aqueles que deixaram de utilizar agrotóxicos para combater as pragas de suas lavouras, poucos são aqueles que deixaram de montar armadilhas para extirpar os animais que comem plantações, aves, ovos de galinhas, enfim, animais que causam um enorme prejuízo na economia familiar. Como a produção não supre as demandas das famílias, alguns trabalhadores associados plantam cana-de-açúcar em seus lotes para vender às usinas da região. O baixo preço pago pelos usineiros faz com que os trabalhadores queiram aumentar a produtividade; assim, acabam por utilizar toxinas e fertilizantes em suas lavouras. O descuido com a natureza é um descuido com a própria vida, com a vida alheia (na qual se incluem seres humanos, fauna e flora). Mas, felizmente, outros trabalhadores resistem e protestam: a contaminação do lençol freático, que atinge todos os lotes, gera conflitos entre os associados (SICHI, 2010).

4. “Cios da terra, a propícia estação de fecundar o chão.”

*Quando eu morrer cansado de guerra/Morro de bem com a minha terra:
Cana, caqui, Inhame, abóbora onde só vento se semeava outrora.
Amplidão, nação, sertão sem fim. Ó Manuel, Miguilim vamos
embora.*

Chico Buarque¹²

Para nos referir à vida no campo há de se considerar a diversidade de trabalhos que lá existem. Como lembra Célia Vendramini (2009, p. 99), “há o campo

¹² Música *Assentamento*, disponível no CD *Terra*, 1997.

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

do agronegócio, da monocultura, dos transgênicos, da reserva de valor...; há também o campo do pequeno agricultor, o campo dos sem terra, as crianças exploradas no trabalho, do trabalho escravo, da violência. Entre outros trabalhos, há também o campo da agroecologia, como proposta e prática de desenvolvimento de agricultura familiar sintonizada à preservação da biodiversidade. O que existe em comum entre essas várias formas de produção da vida (e de riqueza) no campo é que, de alguma forma, todas as atividades econômicas são articuladas à mesma cadeia produtiva, contribuindo para a valorização do capital. Com base no trabalho familiar, o pequeno agricultor, por exemplo, produz a sua terra tanto para consumo próprio como para a agroindústria. Os pequenos produtores constituem-se “como grandes consumidores dos produtos industrializados sob controle de grandes e poderosas transnacionais, como as sementes, os fertilizantes e os maquinários” (Ibid., 100). Na verdade, existe uma falsa dualidade campo-cidade, pois apesar da diversidade de trabalhos no campo, o capital submete tudo e todos às exigências da produção de excedentes. Entendendo a universalidade na sua relação com a particularidade, essa autora ressalta que “é preciso novamente trazer para a análise a noção de totalidade” (Ibid., 100).

Nessa perspectiva, vale a pena nos perguntar: quem deteriora o meio ambiente? Subsumidos ao imperativo do sistema capital, de certa maneira, os trabalhadores associados do assentamento Che Guevara também contribuem para tal. Sabemos também que, principalmente pela utilização de combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural, os gases de efeito estufa advêm principalmente do hemisfério Norte. É exatamente lá onde os países industrializados consomem 70% da energia global. Como se não fosse pouco, aos Estados Unidos da América (EUA) correspondem um quarto do total de energia global. Grzybowski, (2007, p, 18)

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

comenta que “se fosse estendida ao mundo a média do padrão norte-americano de produção e consumo, seriam necessários cinco planetas!”. O desperdício de consumo e de calorías humanas gastas na reprodução da vida social assume um preço muito elevado para a população planetária. E o Brasil não fica atrás, sendo o quarto maior emissor de gases de efeito estufa. Para o Ministério da Ciência e Tecnologia, no Brasil, a mudança do uso da terra e das florestas é responsável por 75% das emissões de gases de efeito estufa. De fato, “o modelo, hoje, experimenta os seus limites, nos quais a questão ambiental é também uma questão social e os problemas sociais não podem ser devidamente equacionados se não ‘incorporarem’ a dimensão ambiental” (TREIN, 2002, p. 59).

O que fazer com o esgotamento progressivo de energias não renováveis (urânio, por exemplo)? Como o planeta se ‘beneficia’ dos malefícios causados pelos capitalistas? As pobres criancinhas, entre eles nossos filhos e netos, ficam estarecidos quando os adultos abrem demais a torneira: *Vovó, a água do rio vai acabar !!!* Aprendem na escola que se o nosso comportamento mudar, não vamos morrer soterrados em meio a toneladas de copos e sacos plásticos; se cada um de nós cumprir nosso papel de cidadãos, vamos prosseguir ‘no topo da cadeia alimentar’. O salvacionismo à natureza leva que todos, em coro consintam que “não devemos degradar o planeta”. Outros acreditam que irão ‘salvar o planeta’ gerando trabalho e renda com a produção de artesanato feito de garrafa pet. Diversas tecnologias têm sido criadas para abrandar as tecnologias *hard*; no entanto, mais que uma questão técnica, a sustentabilidade da vida humana e dos demais seres do planeta passa pela mudança dos paradigmas que sustentam o desenvolvimento econômico capitalista.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Dizer que o 'ser humano' é o responsável pela degradação do planeta é, pelo menos, naturalizar a existência humana, desconsiderando a historicidade das relações sociais. Como Riechmann (1996), acreditamos que a origem da crise ecológica está na submissão da natureza aos imperativos da reprodução capitalista e que, portanto, a luta por uma nova relação seres humanos/natureza é necessariamente uma luta anticapitalista, requerendo a reestruturação da totalidade da vida social, política e econômica. Não se trata simplesmente de soluções tecnocratas para administrar a crise global ou de uma planificação do desenvolvimento para aperfeiçoar o sistema, como se fosse possível conceber um capitalismo ecológico. No processo de ruptura com os paradigmas da civilização capitalista, também "é necessário o advento de uma espécie de humanismo ecológico capaz de substituir ou, ao menos, de corrigir o antropocentrismo que prevalece entre nós" (MAX-NEEF, 1986, p. 52). Trata-se de compreender que, se "o papel dos humanos é estabelecer os valores, o papel da natureza é o de estabelecer as regras. A questão é passar da mera exploração da natureza e dos mais pobres do mundo, a uma integração e interdependência criativas e orgânicas" (Ibid., p. 63).

A irracionalidade do modelo de desenvolvimento capitalista está na redução do ser humano à condição de 'homem econômico'. Nesse horizonte, a natureza externa apresenta-se como um mero recurso para a produção de valores de troca; a relação entre seres humanos e natureza não se caracteriza pela integração dos diferentes elementos constituintes do universo, mas assume um caráter utilitarista, manifesto na exploração sem limites da biosfera. Sob a consigna do produtivismo, aproximamo-nos aos limites da Terra e da possibilidade de sobrevivência humana: o envenenamento de rios e mares, a contaminação do ar, a deteriorização da camada de ozônio, a extinção de várias espécies da fauna e da flora, a perda de solos férteis,

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

a alteração das condições climáticas, provocando efeitos catastróficos... sem falar do grande contingente de pessoas que continuam a viver em condições subumanas.

Além de fazer a crítica a um projeto de desenvolvimento baseado na sociedade de mercado, é preciso buscar as raízes da irracionalidade das relações entre os seres humanos e a natureza, indicando a necessidade de reverter o caráter alienado que vem marcando o trabalho no modo capitalista de produção. A dinâmica de crescimento indefinido do capitalismo tem como suposto um antropocentrismo extremado, destruidor da natureza e do homem (que, não esqueçamos, é parte da natureza). Ao invés de concentrar o desenvolvimento econômico nas múltiplas dimensões dos seres humanos e no autodesenvolvimento dos povos e nações, o sistema capital continua avançando em busca de novos mercados. Ao invés de uma relação de solidariedade, o ser humano torna-se estranho a si mesmo, a tal ponto de ter criado:

[...] a ilusão de que a terra lhe pertence. Com isto, criou também um paradoxo. Todas as demais espécies de vida, vegetais ou animais, ao nascer, conseguem obter da terra seus meios de subsistência. A espécie humana, ao contrário, encontra um planeta totalmente loteado, donde cada palmo de terra já pertence a alguém. [...] O ser humano parece não se dar conta deste absurdo. Alguns poucos prosseguem na tarefa insana de acumular uma quantidade de riqueza que jamais serão capazes de utilizar. (SCHLESINGER, 1994, p. 30).

Mas, o que nos ensinam as experiências de produção associada ou trabalho associado? Não deve ser nada fácil estabelecer relações de ‘novo tipo’ com a natureza, ou seja, relações de intercâmbio e não de exploração, de conhecimento de seus ciclos e não de domínio sobre deles. Com a experiência do trabalho associado no Che Guevara, aprendemos serem possíveis novas relações com a natureza. No entanto, relações sociais de ‘novo tipo’ que superem a dicotomia ser

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

humano/natureza passam pela superação do próprio capitalismo. Sabemos que, sob a pena de não ter com o que garantir o pão de cada dia, os maiores atingidos pelas contradições entre capital e trabalho (as classes trabalhadoras) se veem obrigados a abrir mão da preservação dos recursos naturais que lhe garantem sobrevivência. Sem ter de onde tirar seu sustento, quem não compraria uma semente da Monsanto - mesmo que isso signifique que nenhuma outra semente possa brotar no solo em que se plantou a transgênica semente produzida e patenteada por essa empresa capitalista?

No assentamento Che Guevara como em qualquer outra experiência de produção associada, o saber sobre o trato com a terra vai sendo apreendido na medida exata da necessidade de quem nela tenta sobreviver. Outros saberes vêm contribuindo para a produção da vida social nesse assentamento. São saberes oriundos dos diversos trabalhos anteriormente realizados pelos trabalhadores; saberes dos processos de ocupação e assentamento da terra, saberes apreendidos com as lideranças do MST e CPT, saberes do processo de criação da unidade de produção associada... além de outros. São 'saberes da experiência' e, em especial, 'saberes do trabalho associado' que precisamos (re)conhecer. A experiência (THOMPSON, 1981), que é a base material de produção de tantos saberes, resulta da totalidade de experiências e culturas do trabalho de uma classe, em constante formação. A totalidade espiralada dessas experiências de trabalho, inclusive de trabalho associado, faz parte da luta das classes trabalhadoras.

Podemos afirmar que, como base material, a unidade de produção associada pode ser entendida como uma 'unidade de produção associada de saberes', na qual vão brotando novos saberes e novas práticas sociais. Se por um lado a escola da vida (e do trabalho associado) é responsável por 'ensinar' aos trabalhadores novos

Trabalho**necessário**

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

saberes e práticas sobre as relações entre seres humanos e natureza, por outro, não podemos negar que a escola dos movimentos sociais e, em especial, os movimentos de luta pela terra são fundamentais para a realização de práticas de produção da vida menos agressivas à natureza (ou seja, menos agressiva aos seres humanos, à água, flora e fauna... ao planeta, ao universo). Esses saberes da experiência da produzir a vida associativamente podem ser compreendidos numa perspectiva de resistência e/ou embate ao capital, ou seja, como manifestações de uma cultura do trabalho que, de algum modo, se diferencia dos paradigmas da economia capitalista.

Para concluir, vale frisar que o sucesso das atividades econômicas não depende apenas do entusiasmo das trabalhadoras e trabalhadores associados. Mesmo que na unidade de produção associada, mediado pelo trabalho, se estabeleçam novas relações entre seres humanos e natureza, ela ainda está inserida no modo de produção capitalista. E é nesse panorama, sob a égide do sistema capital, que devemos analisar as práticas e lutas dos trabalhadores associados (e do conjunto da classe trabalhadora).

Com indignação, este texto foi escrito no calor das catástrofes ecológicas ocorridas/produzidas na região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011. Dedicamo-lo a todos os seres mortos e desaparecidos e, também, a todos os que continuam a lutar por um mundo melhor.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

Referências:

AUED, Bernadete W.; VENDRAMINI, Célia R. (Org.). **A persistência do trabalho infantil na indústria e na agricultura** (Santa Catarina no contexto brasileiro). Florianópolis: Insular, 2009.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CIAVATTA, Maria (Org.). **Memória e temporalidades do trabalho e da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina; Faperj, 2007.

CONDÉ, F.; Novaes, J. R. Heróis anônimos. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 58-67, set. 2007.

FERNANDES, Bernardo M. Agronegocios y campesinato: dos sistemas en conflicto. In: GIARRACCA, N.; MASSUH, G. (Comp.). **El trabajo por venir**. Autogestión y emancipación social. Buenos Aires: Antropofagia, 2008. p.72-75.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho-educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento**: teorias em conflito. Rio de Janeiro: UFF, 1997. Mimeografado.

GIARRACCA, Norma. Producción y mercados para la vida: una posibilidad emancipadora para el siglo XXI. In: GIARRACCA, N.; MASSUH, G. (Comp.). **El trabajo por venir**. Autogestión y emancipación social. Buenos Aires: Antropofagia, 2008. p. 36-41.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre História Operária. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos. Terceiro manuscrito. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-48. (Os pensadores).

_____. Para crítica da economia política. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural 1978, 1978. p. 3-48. (Os pensadores).

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

_____. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. Livro Primeiro.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (I - Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1987.

MAX-NEEF, Manfred: **Desarrollo a escala humana**. Montevideo: NordanREDES Editora, 1993.

NOGUEIRA, João C. M.; WOLF, Christiana K. Na luta pela produção socialmente saudável. Ou remédio? Acúmulos, riscos e potenciais na inter-relação entre plantas medicinais e agricultura familiar. **Candeia**, Goiânia, n. 2, p. 26-33, 2001.

POLANYI, Karl. **La gran transformación**. Madrid: La Piqueta Editora, 1989.

RIECHMANN, Jorge: El socialismo puede llegar sólo en bicicleta. **Papeles da la FIM**, Madrid, n. 6, 2ª época (?), 1º semestre (?), Fundación de Investigaciones Marxistas, 1996.

SCHLESINGER, Sérgio. **Dívida externa: questão do passado?** Rio de Janeiro: PACS Editora, 1994.

SICHI, Bruna. **Saberes da experiência e produção da vida social**: o que nos ensinam as trabalhadoras e os trabalhadores associados? Projeto de Mestrado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2010.

THOMPSON, Eduard P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** - uma crítica ao pensamento de *Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

TIRIBA, Lia. Brincando de casinha. Fragmentos de economia, cultura e educação. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 69-86.

TIRIBA, Lia; SICHI, Bruna. “Os trabalhadores e a escola: de olho nas culturas do trabalho.” In: TIRIBA, Lia.; CIAVATTA, Maria. **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Líber Livro e Editora UFF, 2011, p.239-275.

TREIN, Eunice S. Projetos de desenvolvimento em disputa. Reflexões sobre a questão ambiental e os limites do modelo fordista de produção. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 57-68.

Trabalho*necessário*

Issn: 1808 - 799X
ano 10, nº 15 – 2012

VENDRAMINI, Célia R. Educação do campo: educação virada para o futuro? In: CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia (Org.). **Mundos do trabalho e aprendizagem**. Lisboa: Educa, 2009. v.14, p.98-105.